



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

### **HOMILIA**

Ref. HML\_07/2017

Homilia na Quinta-feira Santa - Lava-pés

Braga, Sé Catedral, 13.abr.2017, 16h00

### ***Cingir a toalha para servir as famílias***

Caríssimos irmãos,

Hoje de manhã tive o grato privilégio de celebrar a eucaristia com o presbitério da Arquidiocese de Braga. Veio-me à memória e ao coração, diversas vezes, a constituição conciliar *Sacrosanctum concilium*. Como sabem, foi o primeiro documento a ser aprovado e exerceu grande influência nos restantes textos e no novo modo de conceber a Igreja.

Diz a *Sacrosanctum concilium*, no nr. 41, que a “principal manifestação da Igreja se faz numa participação perfeita e activa de todo o Povo santo de Deus na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma Eucaristia, numa única oração, ao redor do único altar a que preside o Bispo rodeado pelo presbitério e pelos ministros”. O altar, a oração e a eucaristia são a fonte da nossa vida espiritual mas também o elo que a todos nos une. Dela nasce a fraternidade, a unidade e um saudável espírito evangelizador. Aproveito, por isso, este momento para pedir a vossa oração pelas vocações sacerdotais. Sem sacerdotes estaríamos, sem dúvida, privados do mais belo dom que Jesus nos ofereceu.

A eucaristia, memória da Páscoa de Jesus, encontra também no gesto do lava-pés uma das verdades mais profundas: somos quotidianamente servos uns dos outros porque o próprio Deus, em Jesus Cristo, fez-se nosso servo. Ser servo pode significar, hoje, ser vigilante, um auxiliar ou companheiro de viagem. Na linguagem do livro do *Génesis*, diríamos que somos “guardas dos nossos irmãos”. Estamos atentos às suas necessidades (tantas vezes ocultas), antecipamos carências, partilhamos alegrias e amparamos nas fraquezas. Colocar a toalha à cintura é, neste sentido, o reconhecimento público de que todos somos igualmente dignos e que o bem estar do outro é superior a qualquer convenção social. Nesta eucaristia, recordamos que o amor é a nossa vocação. Sabemos que tudo empurra para o individualismo e egoísmo. Sem amor não há cristianismo credível. A Semana Santa conduz-nos, inadvertidamente, para uma presença nas procissões e nas cerimónias religiosas. Não nego a importância destas cerimónias. Só que tudo deveria levar-nos mais longe e a descobrir o Servo de Deus que morre de amor pelo povo. A Semana Santa, mais do que procissões, diz-nos “assim como eu fiz, fazei vós também”.

Olhando para o nosso presente, o gesto do lava-pés parece-me ainda mais relevante. Não será necessário um sério exame de consciência colectivo e percebermos quantas vezes colocamos os nossos projectos à frente das necessidades das pessoas? Ou quantas vezes ideologias partidárias, que



deveriam procurar benefício público, se sobrepõem às reais necessidades e vontades do povo português? Como Jesus nos ensinou, quanto maior a responsabilidade, maior deve ser a nossa humildade, independência e desapegos pessoais para servirmos os outros. Se assim não for, corremos o sério risco de instrumentalizar as pessoas. Sim, servimo-nos daqueles que são irmãos e aproveitamo-nos deles em vez de sacrificar-se pelo bem de todos e de cada um.

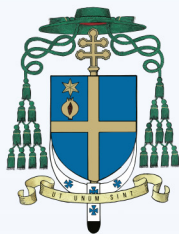
A segunda coisa que o Evangelho nos mostra, para além da humildade, é a intensidade com que Jesus nos amou. Diz o texto bíblico que “sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”. Até ao fim é uma forma nobre para dizer que nos amou até ao último instante da sua vida, do mesmo modo como nos amou na sua máxima força. Deu-nos tudo o que tinha, entregou-se incondicionalmente e nada pediu em troca. É o amor em estado puro que nos põe em questão sempre que medimos até onde devemos ir. Dar tudo é o critério que nos identifica como cristãos.

Olhemos, também, agora, para Maria neste Ano Mariano. Ao longo dos tempos, os padres da Igreja e o sentido da fé apresentaram-nos Maria como uma mulher que seguiu esta via do amor incondicional, atento e generoso. Bastar-nos-ia recordar o episódio das bodas de Canã em que disse “**Fazei o que Ele vos disser**”. Maria viu a necessidade, previu o drama e revelou a identidade de Cristo. Sem nunca instrumentalizar o seu filho, ensinou-nos que a Sua Palavra transforma a realidade e abre caminhos de esperança onde não pareciam existir. Não se deteve com bonitas considerações sobre o problema. Inventou a sua maneira original de agir. E o problema resolveu-se.

É também de esperança e de conforto que falamos quando nos lembramos que Maria, num outro pormenor da sua vida, saiu apressadamente ao encontro de Isabel e **ficou com ela**. Estar com as pessoas nos momentos de maior necessidade não será um novo modo de colocar a toalha à cintura? Penso de modo particular nos doentes, nos deprimidos, nos excluídos, nos acamados e nos mais idosos. Vemos alguns sectores partidários preocupados com a despenalização do suicídio. Não seria o caso de se preocuparem com o conforto humano e anímico de quem está vivo e quer viver? Não seria o caso de cuidarem de quem grita pela vida? Gostaria de repetir aquilo que disse anteriormente: a vida é irreferendável. Mas ela necessita de muitas coisas, pequenas e grandes, para que se revista de tudo o que é essencial.

Quero recordar também que o primeiro lugar onde a vida deve ser cuidada é a **família**, como casa onde Maria deve morar. Diz o sociólogo Ulrich Beck que diversas formas de relação humana, entre as quais a vizinhança e a família, tornaram-se categorias *zombie*. A família sofre, de modo particular, o drama da desintegração e o afastamento, nem sempre intencional mas real, das relações entre os esposos, pais e filhos e, particularmente, os idosos que são marginalizados e colocados em ambiente de isolamento e solidão. Quantos avós sem uma visita e oferta de carinho! Reconheço que a Igreja, em primeiro lugar, deve colocar a toalha à cintura e, humildemente, aproximar-se destes dramas humanos.

A exortação apostólica *Amoris laetitia* foi um primeiro passo. Um passo, contudo, de gigante e que a todos nós, em Igreja, nos deve questionar. Creio ter chegado o momento de, em sede de arcebispo, se constituírem equipas de acolhimento e de discernimento que acompanhem os casais divorciados



recasados. Sabemos que não é fácil uma solução que respeite, ao mesmo tempo, a vontade de integração do novo casal com os costumes e mentalidades seculares das comunidades cristãs. É, contudo, um caminho que teremos de percorrer, com serenidade, em conjunto. Nada há que justifique, neste caso, uma ruptura entre a comunidade e estas situações familiares muito concretas e frequentes.

Que Maria, a primeira entre os crentes, nos dê este olhar atento às necessidades humanas, particularmente nos diferentes cenários da família. A atitude de serviço e de vigilância poderá ser introduzida em diversas realidades humanas, mas se não cuidarmos das nossas famílias, das nossas relações mais próximas, estaremos a comprometer os futuros pilares da sociedade. Que Nossa Senhora, a mãe de Deus, abençoe as nossas famílias.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*